

## História de Capa

“ O ‘Cidadão Orgânico’ é de um lugar, não de uma classe e não precisa ser um intelectual nem ter atuação partidária; age porque o todo lhe interessa, porque se sente parte do todo. É universal porque associa o futuro do planeta ao seu futuro e vice-versa. ”

# CIDADÃO ORGÂNICO FLÁVIO PAIVA

**N**ASCIDO EM INDEPENDÊNCIA, NO INTERIOR DO ESTADO DO CEARÁ, em 1959, Flávio Paiva é jornalista de formação. Já passou pelo *O Povo*, onde começou em 1985, e escreve desde 2005 para o Diário do Nordeste. Paralelamente ao jornalismo, entrou no mundo da poesia em 1979, dos livros em 1982, das HQs em 1983, da mobilização político-social em 1987, do mundo

empresarial em 1988, da música em 1994, das composições infantis em 1999 e vem enveredando também de forma despreziosa por uma certa filosofia marginal.

Roteirista, compositor, escritor, jornalista, assessor de comunicação, poeta, cidadão engajado, muitas são as palavras que podem servir de sinônimo para Flávio Paiva. Nenhuma capaz de traduzí-lo em sua essência múltipla. Também muitas foram as obras legadas por ele, desde





“ A vida tem uma parte que é a gestão da vida, que está ligada aos fatos, e outra que é o viver, que está ligada à alma, à imensidão, e a arte está aí dentro. ”

que saiu de Independência, sua terra natal, para Fortaleza, em 1976.

CDs infantis e adultos, livro-reportagem, revistas alternativas e campanhas de consumo consciente foram só algumas delas. Chegando aos 50 anos, em março de 2009, Flávio Paiva lança mais um livro envolvendo a temática da infância, uma das marcas de seu trabalho nos diversos campos do saber. “Eu era assim – Infância, Cultura e Consumismo”, com prefácio de Pedrinho Guareschi e capa de Geraldo Jesuino.

Nessa entrevista, exclusiva para a Fale!, o também pensador atualiza o conceito de “Intellectual Orgânico”, de Gramsci, e cria o de “Cidadão Orgânico”, ou, nas palavras do próprio Flávio Paiva, “aquele que tem uma experiência

autêntica, para com ela existir de forma integrada à natureza, independente de ser viajado ou não.”

De opiniões fortes, fala no fim do mito do neoliberalismo, critica o que chama de alienação da era Tasso, da violência cultural contra as crianças e fala da experiência como colunista semanal do jornal Diário do Nordeste e como Secretário-Executivo de Comunicação do tradicional grupo J. Macêdo.

Tudo isso sem esquecer passagens pitorescas e poéticas, tais como a ameaça de morte, que sofreu ao lado do, hoje ídolo brega, Falcão, por conta de uma fotomontagem que produziu, ou a homenagem marcante feita por uma criança de Horizonte. — **Por Adriano Queiroz**

**Fale!** Como foi chegar de Independência em Fortaleza? Que lembranças e marcas traz da infância no interior do Ceará?

**Flávio Paiva.** A minha chegada em Fortaleza se deu de uma forma muito acolhedora. Fui estudar na Escola Técnica Federal, que foi a minha segunda casa. Ali, que hoje é o CEFET, fiz os primeiros amigos aqui em Fortaleza. Eu vim para cá em agosto de

1976, e na Escola Técnica tinha uma efervescência cultural muito boa. O Paulo Abel do Nascimento, cantor castratti, já falecido, estava criando um coral e eu participei desse coral... Naturalmente, eu tinha uma base muito boa aqui em Fortaleza, que era o meu irmão, Paulo, que já morava aqui. Mas eu trouxe as melhores lembranças de Independência. Porque,

apesar de ser um lugar muito “largadão” do mundo, no meio do sertão, é um lugar que sempre me ajudou a enxergar a beleza na sua diversidade.

**Fale!** E o jornalismo, em que medida está inserido na vida de Flávio Paiva? Como foi transitar pelos principais jornais da capital cearense?

**Flávio Paiva.** Tem uma coisa que está

ligada à comunicação, que é uma vontade que a gente tem de explicar e multiplicar determinadas percepções. Por exemplo, eu, menino, ficava olhando os caminhões que passavam com os retirantes e me perguntava: para onde iam aquelas pessoas? Depois que eu terminei o curso de Comunicação Social na UFC e comecei a trabalhar, fiz um livro-reportagem sobre retirantes. Eu nunca tinha me imaginado trabalhando em jornais como O Povo e Diário do Nordeste. Eu fazia uma revista para uma entidade de educação, a CNEC, Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, e um belo dia recebi um telefonema do jornal O Povo, me convidando para trabalhar no Segundo Caderno [hoje Vida & Arte]. Entrei em parafuso porque não sabia bem como era essa coisa, mas fui e deu certo.

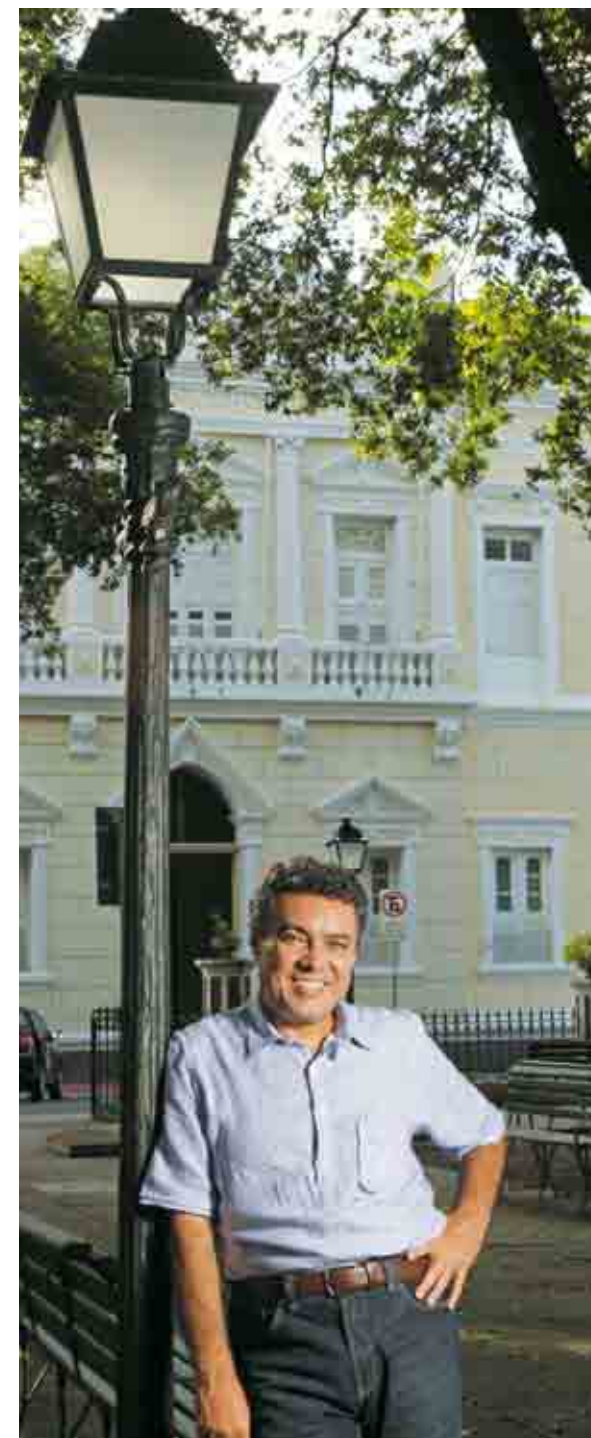
**Fale!** Como foi a iniciativa da Cooperativa de Escritores e Poetas? É possível que poetas reeditem algo similar no contexto atual?

**Flávio Paiva.** Eu acho que o cooperativismo é uma maneira não datada e formidável de condução de processos. Tanto valeu no passado como pode valer no futuro e agora no presente. Na verdade, quando eu conheci a Cooperativa, ela estava sendo criada pelo Farias Frazão, um poeta com uma cabeça agitada e um corpo paraplégico. Talvez pelo fato de ele ter dificuldade de locomoção, agisse como a ostra de Rubem Alves, produzindo pérolas para transformar a dor em beleza. Então ali tinha literatura, tinha poesia, tinha o pessoal da música... era um ambiente de muita inventividade. As reuniões eram muito boas e nós produzimos lá muitas ideias interessantes, todas sustentadas na ideia de que, se a produção alternativa fosse mais associativa, a gente teria condições de produzir uma massa crítica mais influente.

**Fale!** O jornalismo, pretensamente objetivo, ainda pode servir de impulso a transformações sócio-culturais?

**Flávio Paiva.** Tem muitas maneiras de

o jornalismo se desenvolver na atualidade. Eu acho que muitos jornalistas têm percebido isso. No caso do jornal impresso, que é onde eu atuo, a gente podia ter avançado mais, no sentido



de ir além do fato como novidade. A instantaneidade dos outros meios é muito mais intensa e mais eficaz nesse sentido. Todas as editorias poderiam humanizar mais a forma de apresentar os atores da notícia e os

personagens. Sobre o meu trabalho, eu sempre gosto de dizer aos amigos que faço jornalismo expressionista, em busca da luz que o negrume da passividade do cotidiano teima em esconder, coisas que sublimem mais a vida, e não ficar insistindo na tristeza dos fatos tristes. O fato é sempre muito frio e eu gosto de tentar me aproximar da nossa própria alma, muitas vezes com uma inquietação meio vangoghiana, meio desesperada.

**Fale!** Como você enxerga a produção independente hoje? E como foi editar Um Jornal Sem Regras?

**Flávio Paiva.** O “Um Jornal Sem Regras” surgiu de uma das inquietações naturais da juventude. Nós tirávamos o mínimo de 2000 e o máximo de 3000 exemplares por cada edição e uma boa parte dessa tiragem ganhava o mundo. Um dia, houve um fórum internacional de revistas alternativas em Bordeaux, na França, promovido pelo PTT [correios franceses], e eles selecionaram as 300 melhores do mundo. Do Brasil, foram escolhidas a revista Dimensão, de Uberaba, e o nosso jornal. O “Um Jornal Sem Regras” fazia parte de uma rede e a comparação mais próxima que eu faço com o que está acontecendo hoje é com os blogs. Foi um momento muito importante que depois eu tentei dar continuidade numa revista chamada Complexo B. Mas era um momento muito mais complicado que hoje, ninguém tinha essas facilidades de trabalho gráfico, de design que se tem agora.

**Fale!** É verdade que vocês foram ameaçados de morte, devido a um ‘fotocauso’ que vocês montaram nessa época do “Jornal Sem Regras”?

**Flávio Paiva.** No curso de Comunicação, tinha um senhor, o seu Rui, reformado da Aeronáutica. O boato que circulava era de que ele fosse um espião. Nós fizemos uma história que era meio obscena. Precisava de um pai para uma moça. E convidamos o seu Rui. Aí pronto, ele avisou para a família que tinha participado de uma



fotonovela e, quando o jornal saiu, ele levou para casa sem ler. E a história era “esculhambada”. Então ele pegou o revólver e foi para a universidade nos matar. Como a universidade nos apoiava na parte da impressão, o reitor sugeriu que recolhêssemos os jornais que o Sr. Rui queria rasgar um a um. E ele recebeu as tais páginas e rasgou furioso... Mas na verdade, a edição circulou inteira, menos 50 exemplares, que realmente foram desfeitos. Ele rasgou páginas que a gente havia imprimido na noite anterior.

**Fale!** Como foi que você começou com os HQs?

**Flávio Paiva.** Quando o professor Geraldo Jesuíno teve a ideia de criar a Oficina de Quadrinhos e Cartuns, eu fui um dos primeiros a estar junto. Certa vez, o Maurício de Souza veio a Fortaleza lançar um filme da Turma da Mônica e eu o levei para conhecer a Oficina. Ele me disse que nunca tinha visto algo assim: “crianças, numa universidade, sem chamada, sem merenda escolar, sem dinheiro para o transporte, aprendendo a desenhar em pleno sábado”. Quando eu fui trabalhar no Jornal O Povo, em 1985, o que saía de HQs era o Pafúncio, o Recruta Zero, o Pato Donald... Mas quando o Ziraldo assumiu a Funarte,

“ O Maurício de Souza me disse que nunca tinha visto algo como a oficina de quadrinhos: crianças, numa universidade, sem chamada, sem merenda escolar, sem dinheiro para o transporte, aprendendo a desenhar. ”

levamos ao Demócrito [Dummar] a sugestão de publicar tiras nacionais e ele comprou a ideia na hora. Aproveitamos para abrir espaço para tirinhas locais do Jesuíno, do Cosmo Lopes, do Fernando Lima e as Naftalinas, que eu fazia com o Valber Benevides.

**Fale!** Você também teve experiências marcantes com a música. Como isso começou e quais suas influências musicais naquela época?

**Flávio Paiva.** Sempre tive um fascínio muito grande pela música. Eu tive um

grupo lá em Independência, cover do Secos e Molhados, que foi o grupo musical que mais me influenciou. Vim para Fortaleza com essa coisa da música muito forte. Nessa época, eu conheci o Abidoral Jamaru, o Quarteto Pan... Era um momento muito rico. Depois criamos o grupo Bufo-Bufo, que tinha o Falcão, a Marta Aurélia, o Assis Silvino, o Jorge Pieiro, o Marcos Fonseca, o Tarcísio Matos, e a gente fazia músicas de brincadeira. Mas foi nos anos 1990 que eu tive uma relação bem mais intensa com a música. Em 1994, eu fiz um disco: Rolimã, feito na realidade por um selo de São Paulo, o Cameratti, do Cláudio Lucci. E ele veio para o lançamento do Rolimã. Ele estava pensando em fazer uma fábrica de CDs e eu o convenci a fazer no Ceará. Foi daí que nasceu a CD+.

**Fale!** Como surgiu o conceito de Música Plural Brasileira?

**Flávio Paiva.** Foi uma forma que encontrei de manter o conceito de MPB e ao mesmo tempo de atualizá-lo. Então, a gente começou a trabalhar com Música Plural Brasileira. Nisso, o Moacir Maia, que era presidente do Sindicato dos Jornalistas, embarcou de coração e criamos o projeto “Sexta com Arte” lá no Sindicato. Dentro desse mesmo

escopo, criei para a Brahma o “Brahma Cultural” e esse projeto apoiou outros projetos musicais importantes. O próprio “Sexta com Arte” tinha apoio do “Brahma Cultural”. A partir daí, surgiu a ideia de criar o “Fórum pelo Fortalecimento da Música Plural Brasileira”, como uma das iniciativas do Pacto de Cooperação.

**Fale!** O CD Terra do Nunca, que foi produzido ao lado de outros dois imigrantes, está inserido no contexto de Música Plural Brasileira?

**Flávio Paiva.** Foi uma experiência realmente da pluralidade. Eu conheci a Anna Torres, lá no Maranhão, quando o Ricardo Black ganhou o Canta Nordeste, com uma música minha e do Tato Fischer. Conversando com o Josias Sobrinho, que é um compositor que eu gosto muito, ele me passou o contato e eu falei com a Anna. A gente marcou de se encontrar lá mesmo em São Luiz. Depois ela veio a Fortaleza. Começamos a desenvolver o trabalho e convidamos o Paulinho Lepetit, que eu conhecia do tempo em que ele tocava com o Itamar Assumpção, na banda Isca de Polícia. Foi um experimentação bem interessante. A Anna Torres, uma cafuza, lá de Lago da Pedra; eu, lá de Independência; e o Paulinho, lá do interior de São Paulo, juntos no que nos unia em termos de vida urbana... e produzimos aquele disco. Foi uma grande experiência de relação e de criatividade.

**Fale!** Como é o seu processo de composição musical e literária?

“ Prefiro participar das ações transformadoras, as que produzem a compreensão de que não há milagres nem milagreiros na luta pela superação das desigualdades, das injustiças e da violência simbólica. ”

**Flávio Paiva.** Eu comecei a observar que as grandes obras, as mais legais, eram feitas em parceria. Nas histórias em quadrinhos, se for olhar, por trás de todos os grandes personagens não era um cara genial fazendo as coisas sozinho. A existência da complementaridade foi uma descoberta que me ajudou muito em tudo. Eu nunca quis fazer as coisas sozinho. Então, se eu posso fazer uma parte da música e outra pessoa pode fazer outra, eu vou fazer uma parceria. Se eu posso compor e outro pode cantar e canta muito melhor do que eu, prefiro que ele cante. Apesar de fazer muitas coisas e gostar disso, eu sempre procurei fazer tudo maximizando ou capturando sinergias com quem também faz e gosta de fazer aquilo. Junto, você faz muito mais legal do que se fizesse sozinho.

**Fale!** Você vê que semelhanças e que diferenças entre os diferentes aspectos de sua vida e em que medida isso já estava presente em seu livro “Retirantes na Apartação”?

**Flávio Paiva.** Eu acho que a grande semelhança de tudo o que eu faço é uma tentativa de colocar, de compartilhar coisas que me emocionam. Isso vai variando. Quer dizer, o meio, inclusive, nem é o mais importante. A vida tem uma parte que é a gestão da vida, que está ligada aos fatos, e outra que é o viver, que está ligada à alma, à imensidão, e a arte está aí dentro. A primeira divisão que eu faço é essa. E a outra divisão foi separar para poder juntar o que é da minha vida comunitária, o que é da minha vida familiar e dos amigos, a afetiva, e o que é da minha vida profissional. Então, eu nunca deixei nenhuma delas dominar a outra.

**Fale!** Com que objetivos você trabalha para o público infantil?

**Flávio Paiva.** Eu sempre trabalhei com as referências da infância, mas na realidade não é com a coisa da infância em si, é com o lúdico. E o lúdico é do humano, ele não é só da criança. O lúdico vem da necessidade do jogo, que existe no ser humano. Mas quando eu faço alguma coisa para crianças, ou disco, ou música, ou literatura eu nunca faço querendo ser criança. É sempre o adulto que acha que tem uma coisa a dizer para ela experimentar ou trocar. Eu não tenho dificuldade para colocar uma palavra que eu acho que ela não vá entender, por-

## NAS TIRAS, A SÁTIRA POLÍTICA



**TIRINHAS.** Em 1989, Flávio Paiva (F.d'I) e Valber Benevides combinaram traços de HQ com política.



**AÇÕES CULTURAIS.** Ao lado, encontro com crianças e educadores na Escola Pública de Horizonte. Acima, Flávio recebe da professora Raquel Lima o Baú Flor de Maravilha do Colégio Santa Isabel, em Fortaleza





### MEMÓRIA ICONOGRÁFICA

1. Missa sanfonada para Toinzinho e Socorro (2004)
2. Grupo de Teatro O Canarinho (2007)
3. Flávio e Cláudio Lucci (1994)
4. Júri do Prêmio Literário Cidade de Belo Horizonte (2007)
5. Lançamento do 1º livro (1982)
6. Nice, Gilmar de Carvalho, Estrigas e Flávio (2006)
7. Flávio e Dom Fragoso (1987)
8. Flávio e Amarílio Macêdo (1998)
9. Flávio no Pilão da Madrugada (2000)
10. Flávio, Andréa Pinheiro e Betinho (1992)
11. Mona Gadelha, André Magalhães, Olga Ribeiro e Flávio (1997)
12. Artur, Andréa, Apolônio Melônio, Lucas e Flávio (2006)
13. Alberto Lima e Flávio (2001)
14. Rachel de Queiroz e Flávio (1999)
15. HQ Bia Bedran (1991)
16. Grupo Bufo-Bufo (1986)
17. Flávio e Miguel Macêdo (1995)
18. Cláudio Ferreira, João de Paula, Flávio e Osmundo Rebouças (1992)
19. Flávio, Anna Torres e Paulo Lepetit (1997)
20. Flávio, Guilherme Sampaio e Auto Filho (2007)
21. José Macêdo, Flávio e Pedro Albuquerque (1991)
22. Olga Ribeiro canta Flávio Paiva (1999)
23. Banda Dona Zefinha canta Flávio Paiva (2008)
24. Ismênia Tavares e Flávio (1986).



“ Para mim, o que interessa quando a criança escuta música, ou quando lê um trabalho literário, é que ela sinta coisas que ajudem a mover o seu metabolismo espiritual e mental. ”



que isso não importa para ela e não importa para mim. Para mim, o que interessa quando ela escuta música, ou quando ela lê um trabalho literário, é que ela sinta coisas que ajudem a mover o metabolismo espiritual e mental dela. Isso é que é importante.

**Fale!** Você prefere trabalhar o conceito de “cidadão orgânico” em vez de “cidadão do mundo”, isso representa uma mudança de que paradigmas?

**Flávio Paiva.** O “Cidadão do Mundo” acaba tendo uma conotação muito geopolítica, muito geocultural. Como se o cidadão que nunca saiu de um determinado lugar no mundo não pudesse ser cidadão do mundo porque não tem acesso ao que está acontecendo do outro lado do planeta. Prefiro o “Cidadão Orgânico”, aquele que tem uma experiência autêntica, para com ela existir de forma integrada à natureza, independente de ser viajado ou não. Pensei nesse conceito como uma atualização da concepção gramsciana de “Intelectual Orgânico”. Mas, diferentemente do “Intelectual Orgânico”, o “Cidadão Orgânico” é de um lugar, não de uma classe e não precisa ser um intelectual nem ter atuação partidária; age porque o todo lhe interessa, porque se sente parte do todo. É universal porque associa o futuro do planeta ao seu futuro e vice-versa.

**Fale!** Como ser um indivíduo socialmente participativo, sem cair no assistencialismo? Como você experimenta isso em sua vida?

**Flávio Paiva.** Temos historicamente uma tendência ao assistencialismo que, a meu ver, resulta de duas motivações principais: uma, a que faz parte do exercício de solidariedade praticamente imposto pela realidade emergencial, comum aos países em situação de colonizado, como o Brasil; já a outra, a que é praticada por força de culpas e remorsos, vem de deformações religiosas e políticas, que visam à permanência da submissão. Na minha vida comunitária, prefiro participar das ações transformadoras, as que produzem a compreensão de que não há milagres nem milagristas na luta pela superação das desigualdades, das injustiças e da violência simbólica.

**Fale!** Como você enxerga a mobilização

da sociedade na chamada era Tasso? Que frutos colhemos hoje?

**Flávio Paiva.** A política neoliberal e autoritária do Cambéba deixou marcas profundas de alienação no Ceará. A proposta do “governo das mudanças”, como alternativa aos coronéis, que até 1986 controlavam o Estado, parecia um avanço, mas, por ter sido mal conduzida, acabou sendo um retrocesso social e democrático. Contribuí com os esforços do Movimento Pró-Mudanças de co-responsabilidade da sociedade na gestão pública e vi de perto o quanto o governo Tasso mostrou-se incapaz, diante dos desafios da política contemporânea. Para não dizer que tudo foi precário nos 20 anos de autocracia cambebana, vivenciei diretamente uma experiência exitosa de gestão compartilhada, quando o Amarílio Macêdo propôs e o então governador, Ciro Gomes, concordou com a criação do Pacto de Cooperação, entre o setor produtivo, o governo e a sociedade.

**Fale!** Você foi um dos fundadores do Instituto Equatorial de Cultura Contemporânea. O que aquele grupo desejava e de que forma você avalia os resultados daqueles esforços no contexto atual?

**Flávio Paiva.** Em linhas gerais, o Instituto Equatorial tinha como objetivo a democratização da informação e do conhecimento. Dirigido pelo sociólogo Pedro Albuquerque e financiado pelo Grupo J.Macêdo, era uma ONG que convergia interesses cidadãos, entre intelectuais livres, e uma empresa que, antecipando-se à realidade atual, via, no fortalecimento da cidadania, um caminho para a construção do consumidor consciente. A promoção de discussões, como o seminário “Ceará, os indicadores do futuro – pulsão de vida ou morte”, realizado nos principais municípios do Ceará, explicitou para a população a correlação entre a nossa pobreza econômica e a nossa pobreza política. Acho que o Equatorial deu uma boa contribuição à percepção de desenvolvimento local, de uso dos espaços públicos intercomunicativos e de sustentabilidade.

**Fale!** Como arte, ecologia e economia solidária podem se entrelaçar? Quais as semelhanças entre esses campos?

**Flávio Paiva.** A separação entre natureza e natureza humana é um recor-

## OLHARES SOBRE FLÁVIO PAIVA



**Nice e Estrigas,** artistas plásticos

▶ “Nós temos muitos filhos adotivos. O Gilmar de Carvalho, o Benê [Fonteles], o Flávio Paiva, o Carlos Macêdo. Eles vêm aqui e preenchem muito bem o espaço de não termos tido filhos.” (2009)

**Ana Lúcia Villela,** pedagoga, presidente do Instituto Alana

▶ “Flávio Paiva descobriu a chave secreta para libertar as criaturas do bem. Chamou (...) gnomos, bruxas, sacis (...) um time imbatível, chefiado por esse brilhante jornalista e escritor na sua luta contra a massificação cultural e o consumismo desenfreado de nossas crianças.” (2007)

**Edson Vaz Musa,** empresário

▶ “Você é um desses valores que toda empresa precisa ter, mas que poucas conseguem.” (2007)

**José Borzacchiello,** geógrafo

▶ “Flávio Paiva evidencia questões urgentes da agenda cearense. Especialista na arte de desvendar, cada tema percorrido por sua análise ganha maior visibilidade. O texto revela uma cumplicidade com o leitor.” (2005)



**Cristovam Buarque,** senador

▶ “O estilo do livro-reportagem de Flávio Paiva tem uma característica de raros dos grandes escritores realistas: nós sentimos a presença do escritor em cada minuto da narração.” (1995)

**Henfil,** cartunista

▶ “Terão meu pai e minha mãe viajado por Fortaleza? Que irmão é esse que eu não sabia existir?” (1983)

**José Louzeiro,** escritor

▶ “Flávio Paiva resgata o nosso envergonhado realismo. Graças a sua aguçada sensibilidade e tino de repórter, toma a temática esquecida pela intelectualidade brasileira.” (1995)



**Luizianne Lins,** prefeita de Fortaleza

▶ “Fortaleza, de Flávio Paiva, é um livro infantil em que a própria cidade

narra sua história de uma maneira muito afetiva.” (2006)

**Judicael Sudário,** juiz do trabalho

▶ “É Fortaleza a terra de Lustosa da Costa, de Moreira Campos, de Milton Dias, de Eduardo Campos, de Francisco Carvalho, de Dimas Macedo, de Flávio Paiva (o Flávio d’Independência) e de Antônio Sales.” (2008)

**Moreira Campos,** contista

▶ “Flávio Paiva possui a inspiração poética, um bom domínio da língua, revelado aqui e ali na palavra necessária ou na frase expressiva.” (1982)

**Nonato Albuquerque,** jornalista

▶ “Flávio Paiva é uma das figuras mais incríveis que eu já conheci nesta minha encarnação. Texto primoroso, colega inigualável, criativo e criador.” (2008)



**Paul Singer,** economista, ministro da Secretaria da Socioeconomia Solidária

▶ “Flávio Paiva procura extrair de cada evento

um sentido, expandindo sua reflexão que frequentemente alcança o Ceará, o Brasil e o cenário mundial, desnudando o que o retrato ou discurso bem comportado trata de ocultar.” (2001)

**Pedrinho Guareschi,** filósofo

▶ “Flávio Paiva é um escritor-educador que vai fazendo as perguntas, que não pára, que incomoda e desacomoda, que procura levar consciência às pessoas, uma consciência que liberte.” (2009)

**Ricardo Bezerra,** músico

▶ “Posso dizer que o Flávio Paiva e o Nelson Augusto são os principais responsáveis por eu estar de volta ao palco.” (1998)

**Rubem Alves,** educador

▶ “Diferente das outras aves, o Benedito Bacurau não nasceu de um ovo. Ele nasceu de uma cantiga de ninar que a mãe do Flávio Paiva cantava para ele.” (2003)



**Tom Zé,** multiartista

▶ “Quando alguém me disser que não tem tempo de fazer as coisas, mandarei falar com você.” (2009)

te racional da modernidade. Tenho a esperança de estarmos realmente inclinados a avançar nos campos da agroecologia, da socioeconomia solidária, do sentimento de que precisamos produzir para viver e não de viver para produzir. Fala-se que a solução está na educação. As vozes bem e mal intencionadas que reproduzem

esse discurso acabam não atentando para o pano de fundo real desse problema, que está na cultura. Para mim, trabalhos como o de formiguinha, que o professor Paul Singer vem desenvolvendo à frente da Secretaria Federal da Socioeconomia Solidária, são muito mais importantes do que muitos dos milionários programas

educacionais que falam de sustentabilidade e inclusão digital, com altos índices de dissonância cognitiva.

**Fale!** Como é hoje a sua participação no Cetra, o Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador?

**Flávio Paiva.** Sou apenas um conselheiro do Cetra. É uma organização



com uma consistente história de luta por emancipação social no Ceará, que está iniciando um novo ciclo, com uma nova geração de participantes. Minha contribuição tem se resumido a aspectos conceituais que devem motivar a existência de uma entidade dessa natureza. Tenho tentado estimular a aproximação da cultura com os eixos temáticos da organização. Não é uma assimilação fácil, mas alguma coisa já tem acontecido, como as “Conversas de Quintal” e a entrega da Medalha da Terra ao compositor Eugênio Leandro, pelo seu trabalho de cantar os conflitos e a poética do campo. Tenho dito nas nossas reuniões que pouca idade não quer dizer juventude e que, por isso, precisamos ser cada vez mais insurgentes, evitando qualquer tentação de comodismo.

**Fale!** Dentro dessa linha, você também fala de uma vivência e de um fazer político não-partidário. Isso tem relação com o dito fim das grandes ideologias ou vai mais além?

**Flávio Paiva.** Vai mais além. Primeiro porque não concordo que as grandes ideologias tenham chegado ao fim. Temos aí a ideologia do consumismo, a ideologia do primeiro-mundismo, a ideologia do mercado da fé, a ideolo-

**“ Vivenciamos no Brasil um fenômeno precioso que tenho chamado de “Democracia Empírica.” Trata-se de uma construção democrática fora dos parâmetros importados e dos modelos tradicionais. ”**

gia tecnocientífica, enfim, temos um sem-número de dogmas organizados, sustentados por vulgatas falaciosas. A situação histórica, sim, pode ser outra. A multipolaridade é uma realidade que se construiu nas duas últimas décadas, com a queda do Muro de Berlim, em 1989, e com o suicídio do Mito do Neoliberalismo, em 2008. Quanto ao fazer político não-partidário, a que você se refere, vejo brotar cada vez mais uma organicidade cidadã que tende a considerar a representação não apenas com fins eleitorais e de preservação da institucionalidade,

mas, principalmente, em seu papel de tratar do que realmente importa para a vida.

**Fale!** Ao mesmo tempo que vivencia a arte e a mobilização social, você atua como comunicador empresarial. Como conciliar atividades por vezes tão conflitantes?

**Flávio Paiva.** Não há conflito quando há clareza de propósito e respeito mútuo nas relações. Não tenho discursos diferentes nos diferentes lugares em que atuo. Todos sabem o que penso e o que faço. O exemplo mais emblemático do respeito à autonomia do pensamento na minha relação profissional com a J.Macêdo ainda é um que foi dado pelo fundador José Macêdo, por ocasião de uma campanha eleitoral para a Presidência da República, quando eu declarei em uma reunião que votaria no Lula. O Sr. Macêdo aproveitou a situação para fazer um comentário que para mim soou como lição: “Eu gosto de quem não esconde o que pensa. No tempo em que além de empresário fui deputado e senador, o melhor assessor que tive foi o Américo Barreira, que era do Partido Comunista”. Essa transparência me dá muito conforto na nossa relação.

**Fale!** Como foi participar e colaborar com

essa decisão do Grupo J.Macêdo de não dirigir publicidade às crianças, mesmo tendo uma linha infantil de produtos? Criança e consumo não combinam?

**Flávio Paiva.** O que você está colocando é um exemplo típico de como a atuação múltipla é positivamente complementar. Desde 2005, integro o conselho do Projeto Criança e Consumo, à convite da pedagoga Ana Lúcia Villela, e, de lá para cá, os problemas do consumismo na infância passaram a se fazer presentes de maneira mais sistemática em minha vida. Quando a J.Macêdo pensou em lançar uma linha de produtos infantis, nada foi mais natural do que a minha contribuição no desenho do Sistema de Posicionamento de Marca e na criação de normas de compromisso da empresa, no sentido de dirigir a comunicação da nova linha de produtos aos pais, às mães, aos cuidadores em geral, mas não à criança. E, digo com muita satisfação, a J.Macêdo foi a primeira empresa brasileira a ter essa atitude concreta.

**Fale!** O brasileiro e o cearense estão deixando de ser colonizados culturalmente e descobrindo seus próprios modelos? Que impacto isso pode ter?

**Flávio Paiva.** Vivenciamos no Brasil e, óbvio, também no Ceará, um fenômeno precioso que tenho chamado de “Democracia Empírica”. Trata-se de uma construção democrática fora dos parâmetros importados e dos modelos tradicionais. É incrível como, mesmo em condições de desigualdade de acesso às informações, o povo brasileiro tem conseguido resultados eleitorais surpreendentes. Tomando por base as esferas colocadas na sua pergunta, temos hoje a Luizianne Lins, na Prefeitura de Fortaleza, o Cid Gomes, no Governo do Ceará, e Lula, na Presidência da República. Isso certamente não implica dizer que já temos um modelo próprio, mas não deixa de ser indício de que avançamos na desconstrução de algumas amarras coloniais. Atribuo o advento dessa disciplina social coletiva à nossa excepcional cultura futurista.

**Fale!** Como tem sido a experiência de redigir uma coluna de tanto êxito no Diário do Nordeste?

**Flávio Paiva.** Neste mês de março, está completando três anos que passei a escrever no Diário. Como é da natu-

**“ Fui abordado por uma garotinha que disse para mim: ‘Meu nome é Geórgia. Estou no grupo que vai dançar a música ‘Amarelinha’. Você olha para mim quando eu estiver dançando?’. Falei: ‘Claro que olho, Geórgia’. ”**

reza de uma coluna, o que faço é procurar enxergar o cotidiano, por angulações nem sempre consideradas pela linha editorial do jornal. Assim, me sinto livre para me posicionar em questões paradoxais, como a data do aniversário de Fortaleza, a necessidade de inibição do uso do automóvel nos centros urbanos, a decisão precipitada do Ministério da Cultura pelo novo sistema de copyright estadunidense, o acordo ortográfico da comunidade da língua portuguesa e outras bandeiras, como a construção de um centro interativo do Padre Cícero no Seminário da Prainha, próximo ao Centro Dragão do Mar. E o melhor de tudo é a resposta quase sempre fraternal que recebo dos leitores, manifestando que sentiram alguma coisa ao ler o que escrevi.

**Fale!** Você lançará um livro no próximo dia 28 de março. O que o leitor pode esperar dele?

**Flávio Paiva.** Faço 50 anos de idade no dia 20 de março. Na verdade, sempre que tenho algum trabalho para lançar me sinto aniversariando. Desta vez, procurei sincronizar os eventos e a Editora Cortez concordou. O livro “Eu era assim – Infância, Cultura e Consumismo”, que tem prefácio do querido professor Pedrinho Guareschi e capa do meu amigo e velho parceiro Geraldo Jesuino, reúne ensaios e artigos publicados na última década sobre a violência contra a infância, sobretudo na sua dimensão simbólica e de vacuidade cultural. O livro está cheio de invenções como a criação de uma rede internacional de mitos populares orgânicos, como o nosso Saci-Pererê. Quem for

ao lançamento, que será no Centro de Referência à Infância, Incere, em Fortaleza, vai poder se deliciar com um espetáculo da Banda Dona Zefinha para crianças, cantando músicas dos meus livros.

**Fale!** Entre as diversas condecorações, títulos e prêmios que você já recebeu em suas diversas atividades, alguma lhe marcou de modo especial? Por que?

**Flávio Paiva.** Todas representam algum tipo de reconhecimento e deixam marcas do seu jeito e motivo. Foi assim quando recebi o Título de Cidadão de Fortaleza, a Medalha Capistrano de Abreu, a comenda do Dia da Cultura e da Ciência, a menção honrosa do Prêmio Vladimir Herzog, o Troféu Saci do Mendobi, a condecoração do Conservatório Alberto Nepomuceno e todas as vezes que sou homenageado nas escolas pelo meu trabalho literário e musical. Nunca esqueci o dia em que, homenageado por uma escola da cidade de Horizonte, fui abordado por uma garotinha que disse para mim: “Meu nome é Geórgia. Estou no grupo que vai dançar a música “Amarelinha”. Você olha para mim quando eu estiver dançando?”. Falei: “Claro que olho, Geórgia”. Ela me abraçou e saiu correndo acompanhada por sua fantasia.

**LANÇAMENTO. EU ERA ASSIM — INFÂNCIA, CULTURA E CONSUMISMO.** Editora Cortez, 336 páginas. R\$ 42,00.

